

Heilfou Lafair

Correio das Artes

Ano 1 Número 26 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 18-9-1949



VINHETA DE SANTA ROSA

PRESENÇA DE ANITA

CLOVIS ASSUMPÇÃO

COM "Presença de Anita", Mario Donato realiza uma ficção violenta, de altos estremecimentos e raízes profundas e misteriosas. Através a espessura de seus derramados transportes, a coragem de sua escalada aos temas perigosos e a precipitação de vôos da angústia, o sentido essencial do livro exige a compreensão do leitor para o que tem de honestidade e arte.

O romance desdobra-se dentro de típica atmosfera sexual. Até hoje constituiu verdadeira aventura a retratação e estudo deste problema. Indiscutivelmente a relevância de tabú, o sexo perdeu, com o progresso da sexologia, ciência como qualquer outra, com seu destino de espanta trevas e fábrica de luz. Diminuída a ignorância, os olhos têm outra possibilidade e a alma também. Contudo, em "Presença de Anita", o difícil tema é tomado em condições de excessão, com legítimas características de arte nova. Assim, não se prende ao procedimento realista ou naturalista, julgando à descrição minuciosa do assunto, per-

correndo fatalmente um progresso de fatos e sentimentos, até inevitável desfecho, fim sentido e aguardado. Também não se deixa levar pelo cinismo, pura fruição, doce e malévol deleite ou vontade de assustar pacatos cidadãos menos avisados, incluindo geografia de demonio, às vezes, do satanismo e decadentismo. Libertado igualmente da gratuita pornografia, realiza experiência do relevo dentro da moderna literatura. Encara o assunto corajosamente, tomando-o em repentes, traços rá-

pidos, incisivos como lâminas, despindo e desabrigando o homem numa vida tão sua como a de vencer, esperar, ter, sofrer esvaindo e reajustando promessas. O homem em suas velhas dimensões, disecado em novas tentativas, num retuata que amplie sua verdade.

A par do aspecto sexual, o romance está impregnado de poesia: uma poesia vibrante, viva, algumas vezes difusa, outras, impondo-se aos blocos, aos gritos densa como o azeite sem ser pesada nunca. Sua inaugu-

ração é de pura poesia, exposta crua e na primeira e na segunda página. A terceira dominante, é a presença do sobrenatural, posta em relevo e acometimento intensos. A presença da morta, incrustada pelo medo, a manifestação de sua permanência e força, na rua, nos corredores, árvores e janelas, grudada e deslizando nas paredes e na própria pele, sobre os olhos, a boca fria e irremissível.

Da fusão destes três elementos: sexo, poesia e sobrenatural, surge a experiência de Mário Donato, num entrelaçamento estranho. E palpita a vida e a realidade, externada em múltiplos matizes, nas suas insuspeitas e eternas mutações.

Neste clima vivem os personagens; algumas mulheres, tendo por denominador comum, Eduardo, apenas um homem apetecível e fraco. Com seus impulsos, ansiedades e misérias, levado em torvelinho. Cintia, criada pela sua imaginação, apalpada em longos silêncios, juxtaposta às outras mulheres, espécie de ideal de enfermo, evocada desde a

P O E M A

OLIVEIRA BASTOS

O VENTO TROUXE AS LÁGRIMAS
DA SOLIDÃO. VERTIDAS
NO CÁIS.

O VENTO TROUXE A ESSENCIA
DA SOLIDÃO. PERDIDA
NO CÁIS.

O VENTO TROUXE A NEBLINA
DA SOLIDÃO. CAÍDA
NO CÁIS.

MAS NÃO TROUXE A SOLIDÃO
POR MIM ESQUECIDA
DENTRO DO CÁIS.

adolescência, porta para as grandes evasões, caminho impossível, perseguida pelo lapis do desenhista, e pelas mãos e coração e esperança. Anita inconsciente, deramadas sem limites, dando-se de forma total, despertada desde cedo para solicitações primárias e fundamentais do amor, trocando por moeda de sorriso e ternura uma exuberância inexgotável, avassaladora, de matéria imponderável, com aquiescências, convites e sugestões terríveis. Diana aventureira, pequena adolescente sensual e corajosa, mal educada e irresponsável,

enfrentando perigos por capricho, numa precipitação para o fogo. Entre elas, pura e altiva, de uma dignidade inconfundível, Lucia, a esposa, oscilando como um pêndulo frio, compreensiva e eternamente suave. Arrastado por todas elas, pequeno brinquedo entre as mãos doces, Eduardo debatendo-se inutilmente, abrasado, pensando poucas vezes, entanguido em torrentes de instinto. Pusilanime, amoldável, incapaz de reações e atitudes conscientemente engendradas, contornando viscoso a superioridade da esposa, adaptando-se

aos interesses da família tradicional à que se ligara, facilmente conduzido pelo médico e pelo advogado, não respondendo jamais pelos próprias atitudes. A finalidade almejada, consistindo na satisfação de tendências irreprimíveis e depois, a procura angustiosa de salvamento.

Tem lugar de destaque, pela densidade e equilíbrio, a descrição do julgamento, onde contrapõe-se à maquinação objetiva do processo com seu fundamento, e à presença das figuras e fatos, as reações mais variadas de Eduardo, o medo e a expectativa, entrecruzados e aquela ar-

vore lenta crescendo em seu íntimo.

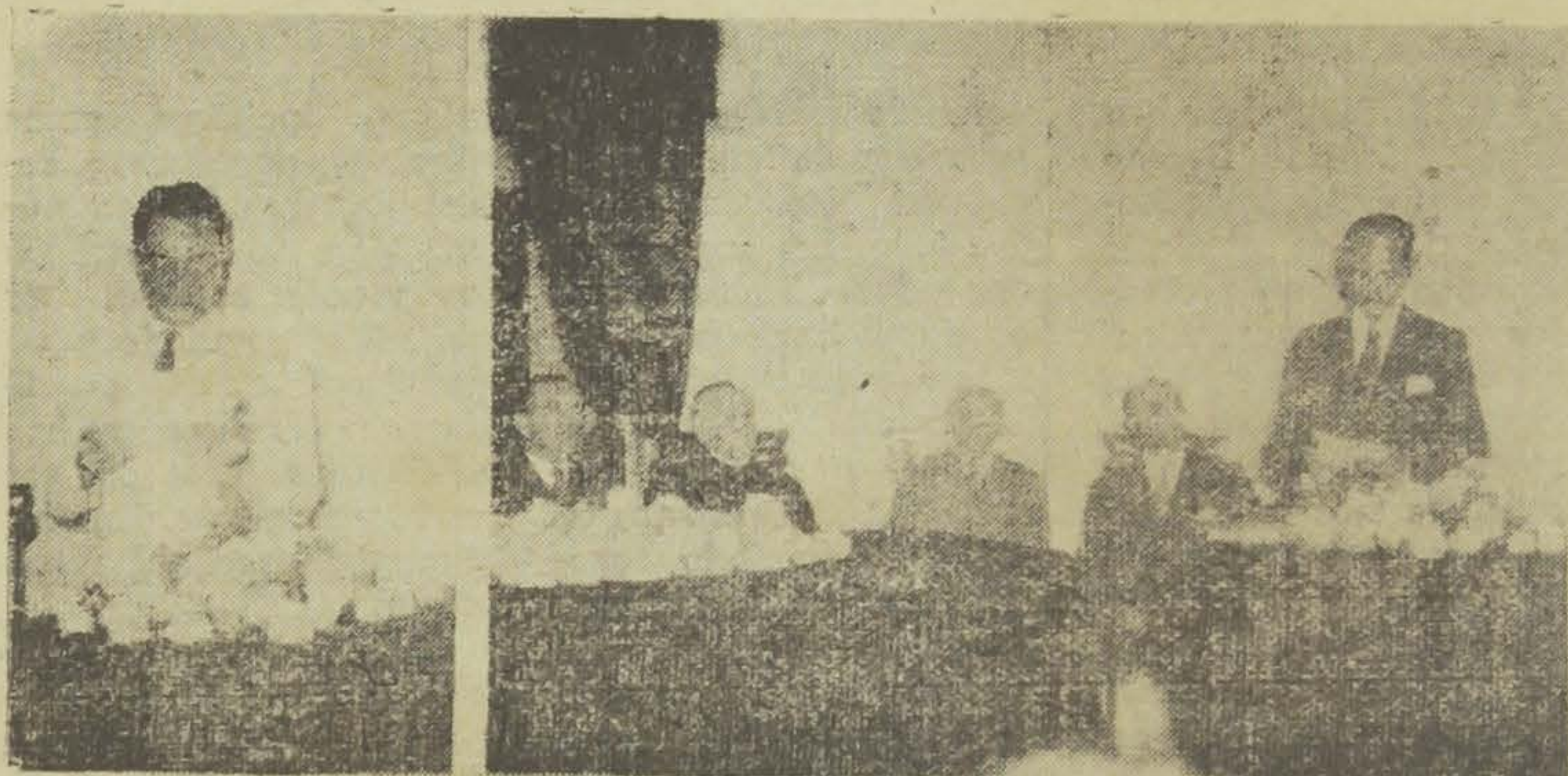
O livro em tom trágico, desliga-se da simples e formal apresentação de uma história, preferindo estabelecer o confronto entre a vida diária e a vida substancial entre quatro paredes, ressaltando a íntima arquitetura das pessoas, suas privações, fomes e martírios, dando ao homem a legítima qualidade de homem.

Mário Donato em história sombria e oprimida, revela-se ótimo narrador, em estilo firme, de sinuosidades pessoais, onde sobressaem a experiência e a coragem, dignas do legítimo artista.

ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS

Como já foi noticiado constituiu nota de relevo em nossos meios culturais, a reunião solene realizada no dia 10 do corrente, na ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS onde tomou posse o novo academico De Castro e Silva, na cadeira n.º 22, que tem como patronommo Maciel Pinheiro.

Essa solenidade, que foi presidida pelo governador Oswaldo Trigueiro contou com a presença de autoridades e elementos de destaque em nosso meio literário.



O academico Durval de Albuquerque, (à esquerda) quando saudava o recipiendário — A mesa que presidiu á solenidade — O escritor De Castro e Silva ao pronunciar o seu discurso de posse

A MULHER

ADAUTO LEZERRA CAVALCANTI

Ô MULHER! CRIADORA DO PECADO!
MAS TÔ QUERIDA PELA FORMOSURA!
ANJO DO DEMÔNIO QUERO ESTAR AO LADO,
ONDE ESTIVERES, DIVINAL CRIATURA,

TA, SAGAZ, É UM BOCADO
DO NOSSO SOFRIMENTO E DESVENTURA,
MAS A VIDA, SEM TI, ENTE ADORADO,
SÓ SERIA TRISTEZA E AMARGURA.

SE UM DIA COMPREENDENDO O TEU VALOR,
AFASTASSES DE TI TODA A MALDADE,
QUE SUBLIME SERIA O TEU AMOR!

NÃO DEVES ILUDIR COM TEU SORRISO,
POIS FORAM TEUS CONSELHOS SEM BONDADE,
QUE ESPULSARAM ADÃO DO PARAÍZO.



A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

“BEM ME QUER”...

Conto de CARLOS ROMERO

ALO!

A vizinha perdê-se na manhã. Os olhos passearam pela amplidão azul. Nem uma nuvem. Ontem ela não pôde conversar direito com Alfredo. Recordar-se:

— Mamãe vem aí!

As mãos desentrelaçam-se rápidas. Um rosto espantado e a noite calada como que ouvindo tudo. Depois, o silêncio, a calma, a frouxidão. Ela suspirou, sorriu encabulada, deu um gelinho nos cabelos, apertou o cinto, baixando a vista:

— Você gosta de mim?...

Pediú tão humilde, tão infeliz, tão infantil que só faltou fazer beicinho. A fumaça soltou-se livre na noite silenciosa. Alfredo paternal, tomou-lhe novamente as mãos, a voz de veludo escorrendo mansa:

— Sim, meu amor.

Marília sorriu vitoriosa. Era rainha neste momento. Fechou a cara, e fingiu estar amuada. Ele continuou:

— Vivemos sempre juntos na vida.

Marília encarou-o. Havia altivez no seu rosto bonito. Nos olhos humidos, restos de luz. A boca entreaberta como a esperar um beijo. Falou:

— Você está me enganando... Não acredito nos homens. Todos eles são mentirosos. Tia Nina é quem tem razão.

Alfredo comprimiu-lhe os lábios, numa delicadeza de irmão mais velho:

— Tolinha...

Estrelas piscando, imitando vogalumes. Do muro pendiam flores num oferecimento. Marília tira uma flor, e, sem dizer nada, vai falando sozinha: “Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer...”

Alfredo sente um desejo louco de abraçá-la.

Ela continua nomologando, como se estivesse rezando: “bem me quer, mal me quer...”. Só falta uma pétala. Marília hesita, a voz vai esmorecendo: — “bem... me quer”... O rosto está caribaixo, envergonhado. Ele solta uma fumaçada e fica na expectativa. Ambos em silêncio. Um rumor de automovel rolando macio pelo calçamento. Alfredo não se contém: ergue-lhe a carecinha, procurando

Alfredo a ama de verdade. A voz da flor continua em sua cabeça: — “Bem me quer, bem me quer, bem me quer”...

Arrastado de chinelas no alpendre, Marília arregala os olhos, assustada:

— Mamãe!

Expectativa. A negra Corlinda vem buscar a lata de lixo para dentro.

— Que susto, meu Deus! — a voz de Marília é doce.

— Tolinha!...



O AUTOR DO CONTO VISTO PELO PROFESSOR ARSENIO TAVARES, DA UNIVERSIDADE DO RECIFE

olhá-la nos olhos humidos onde há restos de luz:

— Eu não lhe disse... Gosto de você.

Marília faz muchocho: Sente que perdeu a batalha. O rosto avermelhado de pudor. Os homens não são mentirosos. “Bem me quer, bem me quer, bem me quer”...

to, viu?

— Sim, querida.

Ela enche-se de orgulho. Que bom ser chamada querida. Como Alfredo é bonito... O bigodinho num rosto de menino. Será de carvão? Sorri.

— De que está rindo?

— De nada.

— Nunca vi rir sem ver de nada...

— De nada...

— Mangando de mim, não é?

— Não, tolo. — E continuou — Estou achando graça...

Esqueceu. Procurou uma mentira. O céu cheio de estrelas não ajudava. Apontou para uma estrela, bem distante:

— Estou achando graça naquela estrelinha junto daquela outra. Nós dois. Sorriu mais ainda: ... Alfredo jogou o olhar á procura das estrelas.

— Aonde?

— Ali, bobo...

... Duas estrelas juntas. Ele e ela. Que tolice...

— Você vai criar verruga nos dedos — sentenciou Alfredo.

Poz-se a olhar os dedinhos cor de rosa. Lembravam pétalas. Tomou-lhe as mãos Acariciou-as delicadamente. Os dois se aproximaram em silêncio. Gritos gritavam perto. A luz mostrava a cara redonda, cara solitária de garota orfã. Marília ficou olhando a lua. Parecia a cara de uma colega do ginásio. Maria Alice. Como era feia a bichinha! Tão obediente, tão calada...

— Maria Alice é o exemplo — dizia alto a professora.

Maria Alice se punha vermelha. A cara redonda se escondia. Todas a procuravam, rindo baixinho: — “Sonsa”.

A lua era Maria Alice. Marília continua fazendo o paralelo. Sorriu.

— Olhe como eu fiquei fria...

A mãozinha pousa no rosto de Alfredo. Ele sente o perfume. Será o perfume da flor? A boquinha entreabre-se pedindo beijos:

— Medrosa!

— Você vem amanhã?

— Venho.

— Às 7 horas em pon-

— Que é que voce tem hoje?

Alfredo fechou o rosto. Soprou a fumaça com raiva e prosseguiu:

— Mangando novamente de mim, não é?

— Voce é desconfiado... Virgem Maria!...

O relógio da sala começa a pingar notas. Marília retira rapidamente as mãos das de Alfredo, ageita o cinto, faz um gesto com os cabelos que se derramam pelos ombros:

— 9 horas!... Vou-me embora.

Alfredo consulta o relógio-pulseira. 5 para as 9.

— E' cedo.

Ora cedo. Até amanhã — a mãozinha estira-se para ele.

Alfredo aperteia-a demoradamente. Sente o coração pulsar forte. O rosto emoldura-se na penumbra. Os lábios entreabertos pedem beijos. A mãozinha quente vai se despregando preguiçosamente de suas mãos:

— Adeus, querida. Até amanhã.

Ela sorri com tristeza. Há um pouco de saudades nos seus olhos. Atravessar uma noite sem ver Alfredo... Que tristeza!

Afasta-se aos poucos, sorrindo, a mãozinha num gesto saudoso de adeus.

Entra no portãozinho. Debruça-se, enquanto Alfredo vai se retirando, virando-se de vez em quando, erguendo o braço em correspondência ao adeus daquela mãozinha que lembra pétalas de rosa.

Dobra a esquina, levando um sorriso, o rosto macio de pó de arroz, os cabelos derramados sobre os ombros, os lábios pedindo beijos que não vem...

x x x

Agora, na manhã estriada — o céu parece que foi lavado — Marília cumprimenta a amiguinha defronte:

— Alô!

A outra ergue a mãozinha num fervilhamento de dedos. Está sentada

no alpendre com uma revista colorida sobre as boxas.

Marília enche o pulmão de ar límpido. Os olhos passeiam pelo concavo azul. As estrelinhas!... Onde estão as estrelinhas? No seu rosto há uma interrogação. Procura inutilmente no céu as duas estrelas. Ela e Alfredo. O sol faiscante chega a doer nos olhos. Maria Alice, a lua, as estrelinhas, onde estão agora? Alfredo virá, falar-lhe á noite. Ás 7 horas em ponto. Sente saudade do rosto sem barba do bigode de carvão. Sorri, vagueia o olhar sem destino. A rua em silencio. Ouvem-se galos cantando nos quintais ensolarados, uma brisa corre varrendo folhas soltas, a poeira sobe a entrar nos olhos de Marília. Ela bota as mãozinhas nos olhos. Um ar queiro. Lembra-se da receita da negra Carlinda — "Puxe as pestanas, minha filha".

A voz chega de dentro de casa:

— O almoço está na mesa, menina.

Marília sai do portãozinho, satisfeita, porque passou mais uma metade do dia.

A noite chegou. Nem uma estrela no céu e o vento frio rondando a escuridão. O coração de Marília é um vai-vem de esperança e decepções. Olha o céu pedindo a Deus que se abra uma nesga de claridade, onde haja estrelas a brilhar. Sentiu pingos na cabeça. Estirou a mãozinha. O coração, apertando, apertando. Retirou-se triste do portão. Ele não virá. Chuva maldita! Lembrou-se da mãe censurando: — "Menina! A chuva é de Deus". A irmã do ginásio ficaria horrorizada se ouvisse aquela blasfêmia contra a lei divina. Chuva maldi... Marília morde os lábios com força. O coração incha e ela sente um cansaço pelo corpo todo. Vai caminhando para o quarto

O dia estava tão bonito!... Lágrimas nos olhos onde há restos de lua. Silencio dentro da casa. Dona Etelvina faz arrumações na sala. Marília ouve a chuva caindo no calçada. Parece zonda de disco velho. Chuva maldi... ta... As lágrimas roiam pelo rosto branco de pó de arroz. Os olhos abertos contra o formigão azul, a imaginação procura Alfredo que não pode vir, recorda as palavras da noite passada, sente o cheiro do cigarro, o calor das mãos apertando as suas. Novas lágrimas. Um defluxo irritante faz com que ela assôe o nariz. A mãe grita da sala:

— Está restriada? E bem que lhe disse que não fosse para a rua.

Marília triste procura na bolsinha do colégio o retrato de Alfredo. Ele sorri, o bigodinho de carvão enche-lhe de esperanças.

A chuva aumenta de intensidade. Pneus de automóveis chitam no calçamento. Batidas de porta. Marília guarda o retratinho de Alfredo, cobre-se com o lençol, envolve-se toda, ageita o rostinho no travesseiro e faz de conta que ele está ali ao seu lado. O vento escancarando as portas parece embriagado de alegria. Marília triste, lágrimas rolando na face côr de rosa, e o pensamento á procura da imagem de Alfredo, que não pode vir. "Bem me quer..." As palavras contam em surdina. "Bem me quer..." O bigodinho de carvão, a fumaça fugindo na noite, as estrelas piscando, trêmulas, tímidas, as flores num oferecimento, as pétalas caindo mansamente ao som das palavras nervosas e confiantes: "Mal me quer, bem me quer..." As palavras chegam tão distantes, tão vagas dentro na noite chuvosa, que ela não sabe se está sonhando ou acordada... "Bem... me... quer!"



PINTURA DE KANDINSKY

"Na Espadana Branca"

O DOMINGO DE
CARPEAUX

O SUPLEMENTO literário d'O JORNAL, do Rio, publica uma interessante reportagem do jornalista José Leal, sobre o domingo dos intelectuais, no Rio. O ensaísta Otto Maria Carpeaux respondeu o seguinte: "O domingo afigura-se-me como o mais triste dos dias da semana. Poderia alegar vários motivos: estão fechadas as livrarias, vazia a Avenida e menor o barulho, sem o qual um intelectual não pode trabalhar direito. Mas o motivo secreto é outro: é dia livre e portanto de lembranças sentimentais da infância, da mocidade etc". — Adiante acrescenta o autor de ORIGENS E FINS: "Nada adianta contra isso a não ser o trabalho. O meu domingo é, entre todos os dias da semana, o de trabalho mais intenso".

"APASSIONATA"

BEETHOVEN escreveu a celebre sonata APASSIONATA, cujo encanto e tragicidade continuam a impressionar aos amantes da música. Agora, o escritor James Hilton publica um livro com o titulo da conhecida sonata do genio de Bonn. Essa novela conta a historia de um genial pianista e é mais um lançamento da editora GLOBO.

MAIS UMA REVISTA DOS NOVOS

EM Nova Iguaçu, Estado do Rio, acaba de aparecer uma nova revista dos novos, intitulada TEMARIO e dirigida pelo jovem Reginaldo Guimarães, tendo o poeta Solano Trindade como secretário.

2.º NUMERO DE CULTURA

A REVISTA CULTURA, que obedece à direção do escritor Simeão Leal, e editada pelo Ministério da Educação, apresenta no seu 2.º número a seguinte relação de trabalhos: A CARICATURA, ARMA SECRETA DA LIBERDADE, Herman Lima; A MUSICA NAS ESCOLAS JESUITICAS DO BRASIL NO SEculo XVI, Serafim Leite; CALDER, E A MUSICA DOS RITMOS VISUAIS, Mario Pedrosa; O DIALECTO CRIOULO DE SURINAM, Serafim Silva Neto; PROFISSIONALISMO EM SOCIOLOGIA, Oracy Nogueira; A CASA DA INDIA E A PIMENTA, Jayme

Adour da Camara; ALGUNS ASPECTOS DO CICLO DO AÇUCAR, Gil de Methodio Maranhão; ESTABELECIMENTO DA CIDADE DO SALVADOR NA BAHIA, Edgard de Cerqueira Falcão; ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE RIMBAUD, Carlos Dante de Moraes; AS FIINDAS DAS CANTIGAS DE PAAY GOMEZ CHARINHO, Celso Cunha; NEOLOGISMOS POETICOS, Antonio de Parua; KALMAN MIKSZATH, UM ROMANCISTA HUNGARO, Paulo Ronai; UMA FONTE DE MACHADO DE ASSIS, Eugenio Gomes.

EDIÇÕES PORTUGUESAS

VARIAS obras do dramaturgo Gil Vicente tem sido ultimamente apresentadas pelas editoras portuguesas. Gil Vicente continua a ser um dos grandes assuntos da literatura lusitana.

BIOGRAFIA

ENCONTRANDO-SE com um colega, o poeta Heine indagou de seus projetos literários:

— Vou escrever uma biografia de Kant.

E Heine, balançando a cabeça:

— Ora, Kant foi um filosofo. Não viveu e, portanto, não tem biografia...

RUI

O GOVERNO de Santa Catarina vai contratar os serviços do admirável artista patricio Bruno Giorgi, para que ele realize a escultura com que aquele Estado homenageará Rui Barbosa.

Essa importante iniciativa vem despertando os mais vivos comentários em nossos meios intelectuais.

"SALAMBO"

GUSTAVO Flaubert tem sido uma constante vítima das más traduções. Dai muita gente fica desconfiada quanto ao estilo elegante e preciso do grande francês. Olhando a obra de Flaubert, através de péssimas traduções, feitas por qualquer João Ninguém, o leitor não pode ter uma ideia da grandeza estilística do autor de EDUCACAO SENTIMENTAL.

A editora MELHORAMENTOS iniciou o lançamento das obras de Flaubert para o Brasil, em traduções, que se recomendam.



"NATUREZA MORTA" — ERNANI VASCONCELOS

O PRINCIPE E A DAMA

BENTO DA GAMA

NOS maiores e melhores escritos sobre Maquiavel pouco da sua vida verdadeira se nos depara; mais notícias históricas sobre o Renascimento, sobre Florença, política e espírito florentinos, do que mesmo acerca da sua alma — alma de Príncipe exilado — de que quasi nada se disse, ou muito pouco, e onde fica sempre alguma coisa nova a descobrir.

Quem melhor se afirmou, a meu vêr, como biógrafo de Maquiavel, foi aquele suíço insuperável, Jacob Burckhardt, em páginas consagradas a cultura do renascimento em Italia; e isso porque desejou mais a Dama do que o Príncipe — falou mais e melhor de Maquiavel falando bem de Florença. Aquele amor incondicional por Florença (partidarismo inflamado que se poderia surpreender em um Medici banido do território e do destino da pátria) fez do suíço Burckhardt, não só um valeroso interprete d'aquella época de "angustia e perigo extremos", mas, e acima de tudo, um contemporâneo de Maquiavel, um florentino sentimental. Nada mais justo e humano, as vezes até grandioso, do que se ouvir um florentino falar de um florentino. Nisto Papini tinha razão.

APARIÇÕES DO PRINCIPE.

Burckhardt, entre vigorosas e sentidas páginas de história do Renascimento em Italia (lutas sem fim de tiranos e inimigos da tirania, lendas da fundação de Veneza e as bodas de sangue de Perusa) apresenta de leve Maquiavel. Primeiro, são pequenas

visões que surgem e se diluem por entre todo um drama opulento de crimes e paixões desesperadas. Depois o Mestre fixa mais um traço do florentino incomparável. Fala nos seus DISCORSI. Fala na sua STORIE FIORENTINE e finalmente mostra um Maquiavel "patriota no mais esrito sentido da palavra". Diante das acusações feitas ao político, ao homem de estado que quasi foi Maquiavel, o historiador se enternece e fica aflito. Defende-o. Vê um homem que foi capaz de esquecer sua própria pessoa para julgar com plena objetividade. Vê, ainda, no Príncipe, um último e primeiro pensamento: a salvação do Estado. E' aí que Burckhardt escreve, senão as melhores, porém as mais emotivas páginas do seu livro de história e sabedoria. Maquiavel não desaparece da sua lembrança. De quando em quando o historiador ensaísta amacia sua prosa na citação de um feito, ou recomendando o Discorsi como esclarecida fonte. Mesmo as mais ásperas palavras que escreve sobre Maquiavel, estão presas de um carinho excessivo.

Outra vez me deparei com o PRINCIPE EXILADO. Agora quem me apresenta é um autentico biógrafo: Oskar Von Wertheimer. O retrato por ele pintado, se não me assusta, me comove muito. Conta-me, em linhas gerais, os encontros de Maquiavel com César Borgia, e toda uma política avarenta, de traições e intrigas que éle sabiamente superou. Conta-me, da vida em familia, da noiva insatisfeita reclamando o esposo distante e dos amigos, dos amores, das

vitorias de Nicoló. Surpreende-me, ainda, com uma Florença em perigos e lutas constantes; sobretudo com a participação de Maquiavel no Conselho dos Dez e embaixador em terras distantes.

Tudo isso me disseram Burckhardt e Von Wertheimer. Disseram-me, ainda mais, Mauricio de Medeiros e Pasquelli Villrie. Mas, Maquiavel, continuava longe e distante como uma sombra de outros tempos.

FACE A FACE COM MAQUIAVEL

Foi o contacto directo com o Príncipe Encantado a aravez de sua obra, que me levou a sentir as variações indeleveis de sua alma.

Aquele homem que para seu tempo não foi mais que um corrupto sem importancia, tomava, agora, fórma e modelo de herói malsinado da Renascença. Foi, ainda, lendo as suas admiráveis missões junto a César Borgia, Catarina Sforza e outras, que encontrei em Maquiavel essa plasticidade de moça donzela enamorada: dando-se sem se entregar. Jogo de sentimentos e palavras que surpreendi, também, en-

tre toureiros e políticos da nossa época, e que o Professor Jorge Simmel mais tarde viria classificar de COQUETERIA, caracterizada por aquella "mirada por el rabillo del ojb, con la cabeza medio vuelta... actitud um apartamiento mezclado al mismo tiempo con una como efímera entrega". — Coqueteria nos seus conceitos, nas suas juras, e até mesmo humilhação vergonhosa perante seus inimigos. E foi justamente esta coqueteria que perdeu-o diante do seu tempo.

O encanto da maneira de manifestar-se estava nele determinado entre o sim e o não. Sá da realidade tangível e se passa a categoria vacillante, que mesmo contendo a essência do que ígala, não a manifesta com clareza. Não havia nisto "MAQUIAVELISMO". A posição que tomava era correcta e segura, pois nele tudo estava condicionado á SALVAÇÃO DO ESTADO. Essa duplicidade de manifestação, por alguns, ainda hoje, tão criticada, não constituia em Maquiavel má fé e insinceridade. Antes um desejo inconsciente de toureiro, num "passe-double" espetacular: querendo salvar-se salvando o Estado.



Um Grande Poeta Menor

CARLOS MOLITERNO

Cremos que foi Mme. de Stael que, estabelecendo um paralelo entre a poesia de Klopstock e a de Goethe, acentuou estar a diferença no fato de o primeiro não possuir uma imaginação criadora e, apesar dos seus belos versos e nobres sentimentos, não se lhe podia considerar um grande artista. E afirmava a autora prodigiosa de "L'Allemagne": Klopstock s'égare dans l'idéal; Goethe ne perd jamais terre, tout en atteignant aux conceptions les plus sublimes.

Esta observação de Mme. de Stael, escrita há mais de cento e quarenta anos, ainda serve como ponto de referência na apreciação de uma obra poética, ou simplesmente no traçar o perfil de um poeta moderno. É que o artista não tem idade cronológica e as emoções, quando transplantadas para o poeta, não devem perder a sua força expressionista, mas, pelo contrário, devem simbolizar as relações do artista com o mundo. Não seria um artista o poeta que nos legasse uma obra bem delineada, bem modelada na sua estrutura formalística, se nessa obra não houvesse uma relação imperativa das suas emoções com o mundo em que a sua sensibilidade foi excitada e estimulada.

E foi por isso que, ao terminarmos a leitura de alguns poemas de Francisco Valois, tivemos a impressão de estar diante de um artista. De um artista que tem a compreensão do papel da sua arte e acredita na sua pureza e no seu destino.

Francisco Valois é um poeta de dezessete anos; mas o poder da sua imaginação, a altitude do seu pensamento já refle-

tem a madureza do seu espírito, em face das realidades contingentes. A sua poesia tem muita força e tem, sobretudo, muito afirmação. É uma poesia que, partindo do fundo do coração, encontra ressonância na alma dos que a sentem e compreendem.

Há neste grande poeta menor muita sensibilidade e muito sentimento. Nos seus poemas, por onde perpassam uns leves traços de melancolia e de angústia, o crítico mais exigente há de reconhecer a segurança da sua experiência estética. Porque se Francisco Valois ainda não amadureceu para a vida, já amadureceu, entretanto, para a arte.

A sua obra poética que acabamos de ler, com muito agrado, revela uma grande energia criadora, a serviço de uma sensibilidade muito aguda.

Integrado nos princípios que norteiam a moderna geração de poetas brasileiros Francisco Valois é ainda um mestre na composição dos Haikais. Este gênero poético é dos mais difíceis na sua elaboração, porque requer um grande poder de síntese e muita acuidade mental.

São poucos no Brasil os poetas que se dedicam a essa forma de poesia, que nos chegou do oriente, na obra dos grandes artistas asiáticos. E se não estamos enganados, somente Guilherme de Almeida, o grande poeta paulista, tentou este gênero de composição entre nós.

Como dissemos, Francisco Valois é um mestre nesse gênero de composição e os seus Haikais podem figurar em qualquer obra poética. Vejamos o seu "Retrato do Tempo":

A sombra da infância
A imagem vi na paisagem

Perdida á distância

Há um mundo de recordações e de saudades condensado nestes três pequeninos versos. Nelles o poeta sintetizou todo um itinerário de vida que vai ficando para trás, enquanto o tempo marcha. E só uma sensibilidade requintada possui esse poder extraordinário de dizer tudo, dizendo pouco. Essa uma das grandes qualidades do poeta. Em "Chuva" o sentimental encontrou-se com o passado, numa dessas horas de serenidade e de meditação:

Pingos na vidraça
A lembrança dela
Em minha memória.

Revivendo, talvez os "fantasmas invioláveis" de que nos falou em um dos seus melhores sonetos, o poeta sentiu, numa tarde brumosa, cheia de melancolia e de tristeza,

bailando em sua memória, a lembrança da bem amada que a inquietação dos "pingos na vidraça" lhe despertou numa hora de recolhimento. Bela associação de idéas para um sentimental. Fuga sentida por uma artista que tem nas próprias emoções um élen que é um ponto de ligação entre o passado e o presente.

Essa virtuosidade, esse poder quasi divino de olhar para traz ou para dentro de si mesmo é um privilégio dos poetas e sobretudo dos artistas.

E Francisco Valois que é poeta e que é artista esse dom extraordinário de sentir que as suas emoções vivem dentro de si num transbordamento de beleza, e as transporta para o poema com a naturalidade e a segurança de um mestre da sua arte.

Sabemos que há muito perigo nas afirmações intempestivas ou categoricas, mas, após a leitura dos poemas de Francisco Valois, não hesitamos nesta afirmativa: — Aqui está um grande poeta.



DESENHO DE
FERNANDO PEDROSA



ILUSTRAÇÃO DE DAREL PARA UM CONTO
DE GASPARINO DAMATA

ANTOLOGIA POÉTICA DA NOVA GERAÇÃO

ORGANIZADA POR FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

CYRO PIMENTEL

Cyro Pimentel nasceu em 22 de outubro de 1926 em São Paulo. Fez o curso ginásial no Ginásio Anchieta.

É sem dúvida alguma um dos mais significativos da nova geração poética paulista figurando com garbo ao lado de José Paulo Paes, Reynaldo Biraão, Geraldo Vidigal e Escobar Faria. Em 1948 publicou POEMAS, livro de estreia, primeiro caderno da coleção "Novíssimos" do Clube de Poesia de São Paulo. Tem



pronto um novo livro — NOVOS POEMAS — que promete para breve.

POEMA 16

A REYNALDO BAIRÃO

AO NORTE LIMITA-SE A MORTE COM OS CABELOS DESESPERADOS
AO SUL FOGOS ARBORESCENTES ESTENDEM-SE
E A VIDA QUE VIVESTE
SERA A SOLIDÃO DOS OLHOS SEM BÚSSOLA.

EM TUA ESTRADA CRUZARAM-SE LUZES DE GNOMOS
E A TUA BÓCA SORRIU AO CHÃO DOENTE DE SONHOS.

FALSOS ZODÍACOS ORIENTARAM-TE A VIDA
E TU ES.

EU CAMINHANTE, SOU A IMAGINAÇÃO DE MIM!

POEMA 22

VÊ SOBRE TI, Ó FONTE, O CANTO DAS FLORES
QUE UM DEUS A MAIS DESENCANTOU,
E SÊ PARA ELAS O SONO
QUE SONHAM EM DIAS TRÊMULOS DE GÊNIOS.

AGUAS CELESTES CAEM DESPINDO OS VERGÊIS,
E APOCS, UM SOL ANTIGO SURGE COM O VENTO DA MORTE.

11

PERSEGUINDO O DEUS A MAIS, QUE COM SAUDADE TANTA
VEM COBRIR — ESPELHO DE PRATA — AS NINFAS
[EXORCIZADAS.

A PRIMAVERA AFASTA-SE. AFASTAM-SE OS ALEGRES SINAIS
DO AMOR, E AGORA TRISTES AS FLORES SEM POLEN
[LEN

CANTAM A FONTE DESENGANADAS.
A NOITE É MAIS DENSE E MAIS FORTE
QUE AS PRIMITIVAS NOITES DE PEDRA SEM HERA,
SE, FONTE, APENAS UM DESEJO.

POEMA 14

SEI QUE PRESENTINDO TUA ALMA NA LEMBRANÇA QUE ÉS,
PRESENTINDO TUA AUSÊNCIA POR ESTARES NA ALMA ESCONDIDO,
ESPELHAS-TE NOS ASTROS ONDE ROSTOS DESAPARECIDOS SE ENCONTRAM.

SEI QUE TEU AMOR, FUGA ENCONTRAVEL, PERDES-TE-O
NAS RUINAS DOS ESPELHOS SEPULTOS,
ONDE NUENS DE CÔR E SONS DE ESTRÉLAS
LUCILAM OLHARES ESPELHADOS.
SONHOS QUE O TEMPO SOMBREOU.

SEI QUE A TARDE SOB AS ÁRVORES DO AZUL
PRESENTES O ESPECTRO
QUE OCULTA DA VIDA QUE TENS, O AMOR.

POEMA 17

ESCUTA: NÃO HA MAIOR ALEGRIA
NA ALMA,
QUE PRESENTIR A MORTE.

SEGUINDO SONHOS, SOIS ORIENTES
COLOREM AS FACES QUE ASCENDEM AOS VALES
BRANCOS, ONDE ALTAS ÁRVORES ABRIGAM AS
[ALMAS ERRANTES

OS CABELOS DOS MORTOS VOAM EM SILÊNCIO;
E O MESMO VENTO QUE AS NUENS SONHAM
DESVIA-OS PARA AS ÁRVORES DESEJADAS.

REVISTA EM 2 COLUNAS

NA RUA DOS POBRES

SEBASTIÃO LINS ALVES

Senhor, que através da lentidão da noite
Mandaste um raio do luar silente.
Dêstes que sopram nos olhos da gente
Com a boca da luz.
Senhôr —
Que enfeitaste o leito mortuário da noite
Com o negrume da escuridão;
Que escondeste o dia atrás deste borrão
E encima dele escreveste teu nome com estrê-
[las...
Após fazer do Cruzeiro do Sul teu lucivelo.
— Senhôr,
Que escalaste a lua
Para amortalar as nossas noites
E amortalhaste as noites sertanejas
Com o luar mais belo
Que da lua pingou!
Também manda, Senhor, lá dêsses campos
Que se escondem atrás da branca lua.
Uma centelha de luz — uns pirilampos
Que iluminem também a minha rua!...

XXX

Aí está publicado um poema que poderia figurar noutra parte deste suplemento e em qualquer outra pu-



DESENHO DE EDESIO FARIAS

blicação de caráter literário. Preferimos, entretanto, inseri-lo nesta coluna para que não tenham dúvida os que se julgam entre os melhores.

Como dissemos em comentário anterior, esta seção não é nada mais que a oferta de uma oportunidade. E os valores, as vocações que se recomendam, têm, aqui, o devido respeito.

XXX

O autor do poema que vai acima escreve-nos de Mamanguape. Mas é de Monteiro. Em carta que mandou anexa à colaboração acha que "Correio das Artes" "é o estafeta que leva a mensagem cultural da Paraíba."

Com efeito, é pelo menos o que pretendemos e o que não poderia ser feito sem essa inter-penetração.

A participação dos intelectuais dos municípios neste suplemento achamos muito oportuna e muito útil. Dá-nos meios de levar ao exterior um aspecto mais amplo, mais difuso, de mais extensão intelectual na fisionomia geográfica da Paraíba.

XXX

Agora um poema que vem de Areia.

A terra de Pedro Américo manda-nos uma poetisa de humor surpreendente. Maria Bronzeado Machado. Eis o poema:

INGENUIDADE

Escute, mamãezinha.

Não ria de mim não que é segredo...
Natal já vem chegando e penso no brinquedo.
Este ano estudei, fui tão bonzinho.
Por isso vou mandar um bilhetinho
Ao bom Papai Noel.
Repare se ele entende, mamãezinha.
Caprichei, fiz a letra boasinha,
Aqui neste papel.

"Papai Noel:

Este ano não quero cavalinho.
Nem bola, nem apito, nem carrinho,
Nem trem, nem carrossel.
Disso já tenho coleção completa.
Desejo apenas uma bicicleta.
Ouviu, Papai Noel?"

— Escute, meu filhinho.

Papai Noel, coitado, é tão velhinho!
E a bicicleta, querido, é tão pesada...
Peça outra coisa, seja mais sensato.
A bicicleta pesa muito e mesmo
Não cabe inteira dentro do sapato!...

XXX

Uma poetisa para animar e sugerir coragem a outras poetisas, que não tardarão, certamente.

POLICARPO

Manhã da Criação

NILO PEREIRA

A manhã fria e cinzenta restitui-me o Ceará-Mirim, numa dessas horas bíblicas da criação do mundo.

Do alto das torres da Igreja to vale aparece numa visão de encantamento. A chuva que cai não impede aos olhos de menino que volta a si mesmo ver ao longe os velhos engenhos, que ali estão como um testemunho permanente dos privilégios da terra. Tudo aquilo é de uma beleza poética. Deus há de ter demorado Sua Mão universal sobre o vale onde é possível que reconheça, ainda hoje, vestígios do paraíso perdido. O verde intenso e opulento está, naquela manhã da criação, tocado de um cinzento misterioso através do qual como que se esconde um mundo de recordações. Um vasto silêncio se espraia sobre a cidade, e como é um domingo os chaminés deixam de espalhar sobre o vale sua fumaça espessa, que tantas vezes levou para os espúrios os sonhos de tantos homens que ali viveram e trabalharam. O vale parece dormir; mas, é tão forte o seu colorido que a vida, mesmo adormecida, é cada vez mais bela e mais exuberante. O cinzento da manhã, tocado de tonalidades líricas, não supera o verde magnífico do canavial que, apesar da chuva insistente, ondula levemente como se fôsse tangido por um gênio da poesia.

O cenário é prodigioso. Bem aos pés da velha Igreja e do alto de suas torres nobres uma cidade parou no tempo; mas ao longe espande o vale, como que mostrando ao homem os paradoxos da natureza. Saúdo a cidade parada, que é um sonho de grandeza vivida;

e pergunto porque, havendo a riqueza tão ao alcance das mãos, tão perto uma velha cidade se mantém estacionária e quase morta. Não procuro explicar o fato: aquela hora era, antes, de recolhimento; e eu medito no destino das coisas. Sou apenas um homem restituído ao seu passado, à sua terra de infância. O que tenho diante de mim é o cenário mágico de quem nunca desprezou as sugestões da sua Massangana; e, por isso, fixo os meus olhos na casa grande do engenho Guaporé, que está encravada na moldura verde-cinza daquela manhã do Gênesis.

Dir-se-ia que tudo começa a se animar sob o influxo de algum poder extraordinário, que tivesse como principal condão o de dar ao passado uma atualidade surpreendente. O Guaporé ostenta sua fachada fidalga abismado num sonho; mas a vida renasce e como num encantamento de magia, o cenário recobra seu colorido emocional. Velhas figuras que se foram no tempo voltam; e através da manhã romântica as notas de um piano antigo atravessam até os meus ouvidos a paisagem sentimental. Alguma coisa como um fim de século, com as suas valsas típicas, é o que tenho diante de mim; e o que podia sugerir de melancólico o quadro do Ceará-Mirim dentro da sua quietude, o vale faz desaparecer com a sua opulência incomparável.

Preleto ver o Guaporé de longe, porque me dizem que, de perto, a casa senhorial não tem mais do que a fachada; e esta eu a avisto do alto das torres sem ter nenhuma decepção. Por

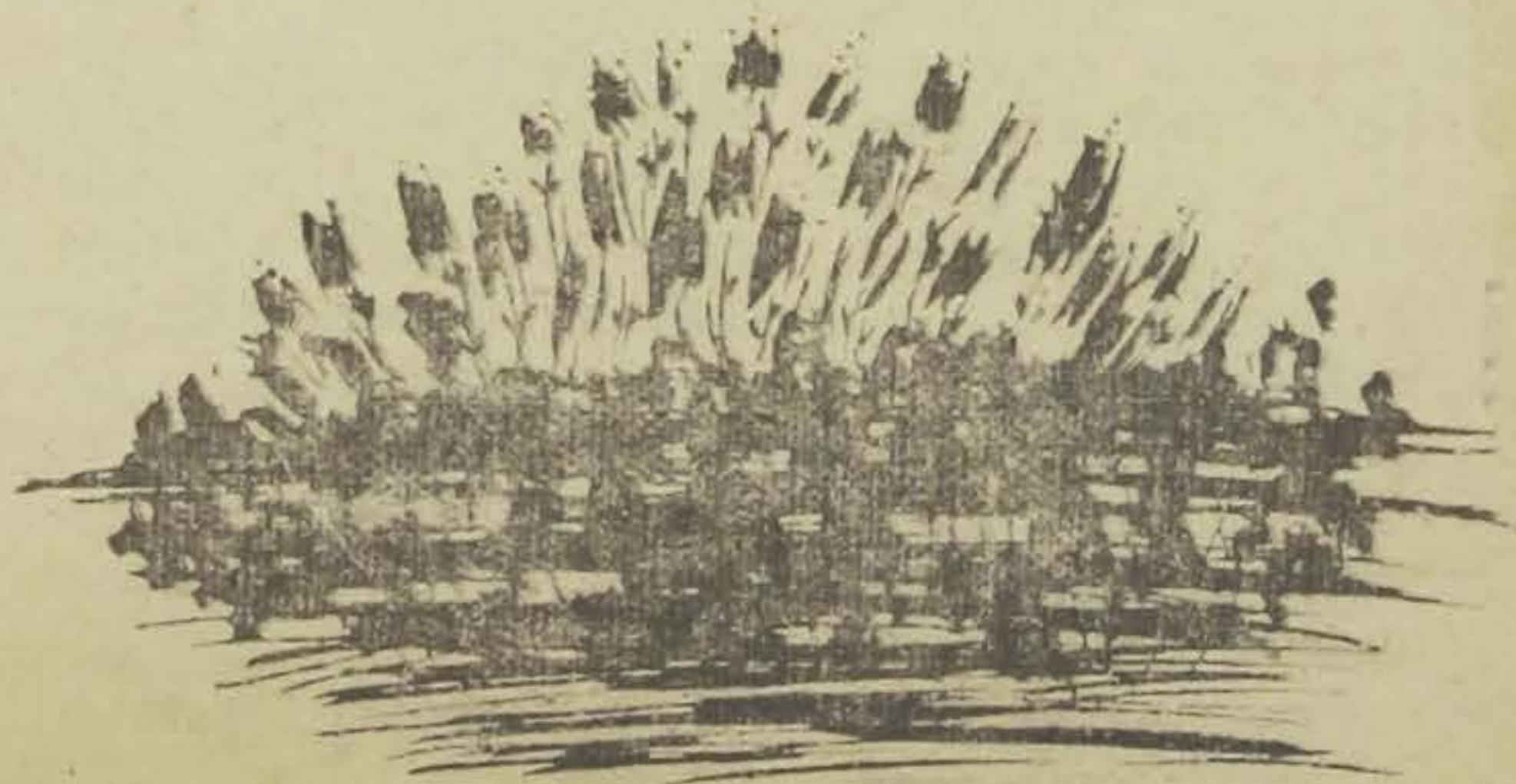
mais que os olhos diva-guem, retornam sempre ao mesmo ponto. O Guaporé parece não ter mudado; e atogado na manhã penumbrosa dir-se-ia uma ressurreição ainda tímida de fazer-se. Considerei, então, nessa espécie de eternidade das coisas quando lhes sabemos dar a cor do sentimento; e essa cor era bem aquela cinzenta que neblina espalhava pelo vale, dando-lhe um mistério espiritual e a força de um momento que a poesia torna verdadeiramente grandioso. As manhãs da criação não devem ter sido diferentes daquela em que vi todo o vale do Ceará-Mirim imerso numa luz indecisa, fria e lírica, como se estivesse receiosa de lerir as retinas dos primeiros habitantes da terra. Havia ali uma inspiração bíblica; e um pequeno mundo se universalizava ao sopro de coisas veneráveis e sagradas, que o próprio tempo respeita, conservando no coração de cada criatura as raízes da ternura humana.

lá não vale insistir pela grandeza daquela velha casa onde Vicente Inácio Pereira lutou para que a civilização da cana de açúcar fôsse uma "constante" do progresso econômico e o mais po-

deroso fator da aristocracia rural. O melhor é deixá-la adormecida ao longe como um castelo de ilusões sobre o qual pairam invisíveis mãos de bondade e cavalheirismo. Essas mãos estão suspensas sobre os destinos valendo uma solidão de claustro. É o que resta de uma vida brilhante, que se apagou num enigma impenetrável.

Na manhã húmida p Guaporé repousa em pleno vale. Suas janelas estão fechadas. Só o que está aberto à nossa penetração é a sua velha e grande alma, que se ergue pura e luminosa sobre as tonalidades verdes da terra, tocada das cinzas da saudade que a neblina ajuda e se fazem ainda mais românticas e criadoras.

É deixa-lo assim repetido. Seu destino foi esse. As mãos invisíveis o sustentarão pelo tempo afora. Sua decadência parece mais uma ressurreição; sua morte traz a vida. Foi o que senti naquela manhã de chumbo cuja tonalidade não era mais do que uma sombra suave a realçar a brancura da alma heróica e generosa que anda naquela casa, onde antigas vozes serão sempre mais fortes do que a solidão e o abandono.



POESIA DE 22 QUILATES

JULCÍDIO MOREIRA

Não é coisa lá muito fácil para um repórter ambulante, sem gabinete e sem biblioteca e, por cima de tudo isto já tanto exausto aborrecido e contrafeito das longas horas noturnas de cigarros, telegramas, solicitações e lâmpadas de trezentas velas, — não é coisa lá muito fácil, dizia — tomar de um livro virginal folheá-lo, anotar o que parecera necessário e, ao fim, derramar com alma, as observações e emoções que despertaram uma tantas frases de essência poética, sem permitir-se um tanto de enfado e da lógica incolôr que adquire à força de um contacto directo e permanente com a interpretação dos fatos.

Assim como nós, devem pensar e sentir outras tantas criaturas que, nos heterogêneos setores da atividade humana se derramam entre as multidões, na luta rotineira, e nada os detém no ritmo da vida, quando não seja a impressão forte e casual de uma catástrofe, de alguma coisa encantadora, genial ou simplesmente picaresca. A poesia, no caso, quando não contagia pelo vulgar do sentimentalismo caboclo, fica à margem como um artigo de luxo, imprimindo-lhe as mais exóticas das confeções, desde o conteúdo à embalagem gráfica e compra-se, igualmente, por vaidade usando-se não raro com um pedantismo que toma voga e anda em moda, ultimamente, como os figurinos, a penicilina e a alergia...

Acontece que os técnicos em publicidade não conseguiram um meio eficiente de anunciar esse produto ideal, como acontece com os remédios, os artigos de toilette. Fazem-

no os críticos. Mas o que no primeiro caso dependeria somente de dinheiro, no segundo depende de honestidade. Restamos se quisermos, experimentar o produto e, se nos entusiasma, contar depois aos vizinhos. Mas aí o que dissermos não estará subordinado a uma questão de gosto, que não se discute?

E como poderíamos definir uma poesia que representa, não raro, um estado da alma indefinível ao próprio poeta, como se acontece, talvez, com este "O Deserto e os Números" de Edson Regis?

Na realidade, parecer-nos-ia temerário analisarmos a química do perfume, as remotas essências que o trouxeram à tona. Afigura-se-nos muito introspectivo para defini-lo. Teríamos no caso a tarefa de uma decifração bem possível de precipitar-se ao inverso do que cogitara o poeta.

Sabemos, contudo, que "a essência do poema é um sinal de viagem". Isto está afirmado, num verso, como revelação definitiva. O anseio de fuga, de liberdade é a matéria prima de toda a composição do livro. A fuga para um "novo reino entre a vida e a morte".

Mas aí estará simbolizado um pensamento que se não configura ao modo de dizer, à expressão dialética ao nosso alcance. A poesia a que nos referimos não sugere a imagem nem o movimento. Não está limitada ao tempo ou ao espaço. É alguma coisa de indefinível, formada da essência mesma da palavra em símbolos que os números desfazem, deslocam, envolvem, escondem.

"E os símbolos fogem no seu desamparo diante dos números".

Os símbolos e os nú-

méros confusos, solúveis, inalcançáveis como as cores da distância, que existem, todavia, visíveis e impenetráveis e eternas...

E sempre a distância, a volúpia da grande liberdade, como uma alucinação de espaço:

"nuvem ou infância, reino [do inesperado, sempre viagem e a translúcida presença da morte".

E adiante:

"mortais todos somos e a rota se alonga".

O espaço e o tempo ilimitados no sonho:

"Há mil anos vago na cidade anônima, lúcido contemplo chaminés de barcos".

Depois o transcendentalíssimo anúncio, onde a poesia tem lampejos de remotos séculos, num cantar quasi místico:

"Nunca em Babilônia minha permanência poderia ser pressentida: descendo de naufrágos que hoje não poderiam sentir — ó nunca! — estes versos tristes".

Seria na verdade muito longo citarmos tudo o que nos sugere esse hino desesperado à fuga e à liberdade, no livro de Edson Regis. Um hino tresloucado de espaço, de tempo e do mistério noturno da morte como um desafio... ou como uma volúpia, ou como uma visão de trágico perfil.

Entretanto, a alucinação constante persiste e se renova, em ciclo, nos seus versos. Daí, por estranho que pareça, o traço vigoroso de sua poesia mesma. Alguma coisa poética que pensara um doido, alguma coisa doida que pensara o poeta. A expressão fora possível ao primeiro transladar em frases conexas e estilizadas.

"As muitas luas" tem ao nosso vêr, alguma

coisa de extraordinária realidade da loucura expressando-se, num estudo de psicologia comparada:

"Penso toda a noite sobre as muitas luas,

lua do infortúnio sobre a minha cama

lua que soluça sobre Mariana,

lua do incompleto que desloca a esfinge, tinge o ar do deserto para a minha face, traz balões de vidro para fazer medo, quando o áspero clima do retrato morto contra mim investe,

lua mãe do hospício que propaga a febre dos alucinados.

lua da miséria que me gasta o corpo e consome os loucos pelas madrugadas".

Aqui está o grandiloquente da alucinação, o monumento do sonho e da loucura, singularmente conformada de música e de ritmo.

Convenhamos que "O Deserto e os Números" seja um como objeto de joalheria, inacessível ao grande público. O seu conteúdo exquisito e raro, reflete a composição de um artista impopular. Não alcançará superar as exigências de um círculo limitado, de uma elite. Não foi inspirado no povo nem tão pouco foi dirigido às massas. É higiênico, simétrico, para ser lido nos salões cheirando a ferro de estofos, terebentina e Chanel Número Cinco. Entretanto, por felicidade, não parece ter sido composto por snobismo, talhado à última moda para a ostentação dos vaidosos de intelectualidade. Fora espontâneo o real como o ouro de vinte e dois quilates.

Novas Revelações do Quixote

ERNANI SÁTYRO

DE UM certo modo toda e qualquer manifestação de arte constitui uma interpretação do mundo. Por mais parcial que seja a excursão do artista, através do mundo exterior ou dos segredos da conduta humana, ela implica uma visão do universo, de tal modo se impõe, em todas as suas manifestações, a unidade da natureza. Na mais pequena réstia nós vemos inteira a face do sol...

No caso de Cervantes, essa intenção é manifesta em mais de uma passagem. No prólogo ao segundo volume, defendendo-se de deslealdades que sofrera, ele esclarece que seu livro não seria bom, se não contivesse de tudo. Essa sua preocupação de totalidade é visível a cada passo: quando diz, pela boca do cônego, que os livros devem agradar a todos, embora sejam preferíveis os elogios dos sábios, e quando insiste em que "de tudo tem de haver no mundo".

Ora, quem teve assim uma visão total do universo, não poderia fugir ao seu aspecto econômico. Mas os traços são tão leves nesse terreno, que não justificam o caráter por alguns intérpretes emprestado ao Quixote, de livro precursor da sociologia marxista.

As páginas mais fortes nesse sentido, de provável crítica à organização social e econômica de seu tempo, são aquelas do capítulo XI do volume primeiro, que tratam da "idade de ouro". Diz Dom Quixote: "Dito-sa idade e afortunada, séculos aqueles, em que os antigos puseram o nome de dourados, não porque nesses tempos o ouro (que nessa idade de ferro tanto se estima)

se alcançasse sem fadiga alguma, mas sim porque então se ignoraram as palavras teu e meu. Tudo era comum naquela santa idade; a ninguém era necessário, para alcançar o seu ordinário sustento, mais trabalho que levantar as mãos e apanhá-lo das robustas azinheiras, que liberalmente estavam oferecendo seu doce e sazonado fruto".

Quem fala assim é

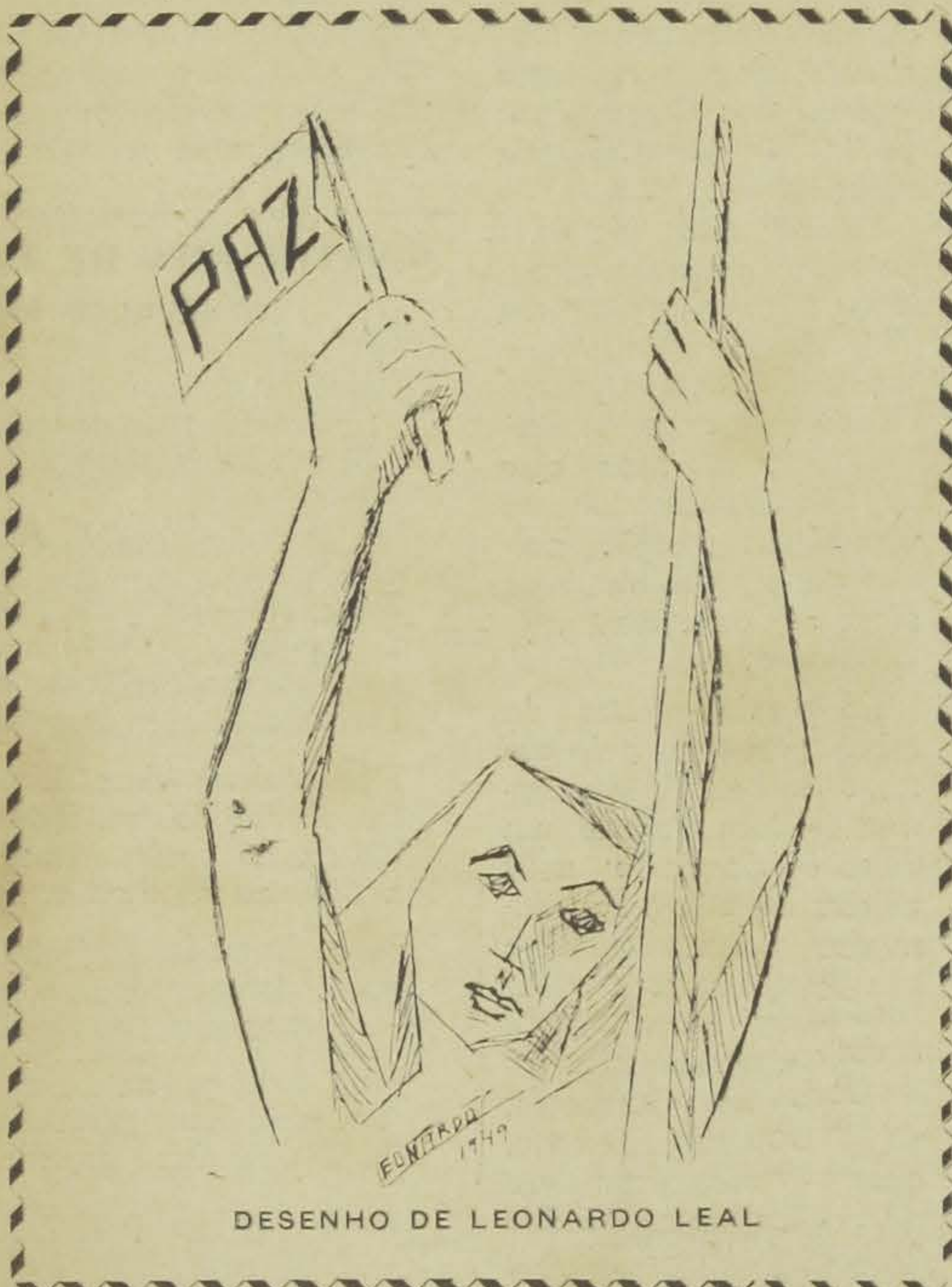
do aquele inútil arrazoados aos cabreiros, que, sem lhe responderem palavra, apatetados e suspensos, o estiveram escutando".

Um gênio como Cervantes não poderia crer seriamente num regresso da humanidade à "idade de ouro". E essa é, em todo o Quixote, a afirmação mais forte que se encontra, sobre a ordem econômica reinante. Por outro lado, nada existe

Cervantes, ou algum personagem mais assisado a louvá-las, salientando esses momentos de lucidez e inteligência. Nessa questão de volta à idade de ouro, tal não aconteceu.

Não se pode dizer rigorosamente, a propósito de escritor nenhum, até que ponto sua verdadeira opinião está na boca deste ou daquele personagem. E no Quixote mesmo, quantas vezes o pensamento do gênio se exprime até pelas palavras de Sancho Pança! Este, aliás, quase só se exprime através dos rifões, aos quais Dom Quixote empresta sempre um grande valor. Apenas diverge do despropósito com que o escudeiro os emprega a torto e a direito, enquanto ele, o cavaleiro da Triste Figura, dificilmente encontra oportunidade para utilizar um. Nem por isso, porém, deixa de afirmar: "Parece-me, Sancho, que não há rifão que não seja verdadeiro, porque todos eles são sentenças tiradas da própria experiência, mãe das ciências todas", etc.

Nisto de preferir o conhecimento próprio, ou mesmo a sabedoria comum, às citações pedantes e eruditas, Cervantes é invariável. Chega a dizer no seu prefácio (que lhe deu mais trabalho de escrever que o próprio livro!) que "custa-me muito andar procurando autores que digam aquilo que eu muito bem me sei dizer sem eles". E, depois de ridicularizar essas ninharias à margem, esses índices de autores que já então enchiam os livros, ele resolve ouvir os conselhos de um amigo prudente: "Vamos agora à citação dos autores por aí costumam trazer os li-



DESENHO DE LEONARDO LEAL

Dom Quixote, num de seus momentos de entusiasmo oratório. E logo depois o próprio autor interviem, para esclarecer: "Toda essa larga arenga (que se pudera bem dispensar) improvisou-a nosso cavaleiro, em razão de lhe ter vindo à lembrança, a propósito das bolotas que lhe deram, a idade de ouro; por isto lhe pareceu fazer lo-

mais contrário ao verdadeiro espírito, do marxismo do que essa volta ao mundo ao sem-trabalho primitivo. Marx pode ser tudo, menos isto. Não se inspiraria jamais em devaneios dessa natureza.

Não se deve esquecer que, invariavelmente, quando Dom Quixote diz coisas sensatas e "discretas", sai o próprio

vros, mas que faltam no vosso. O remédio desta mingua é muito fácil, porque nada mais tendes a fazer do que pegar um catálogo, que contenha todos os autores conhecidos por ordem alfabética, como há pouco dissestes; depois pegareis nesse mesmo catálogo e o inserireis no vosso livro, porque, apesar de ficar a mentira totalmente calva por não terdes necessidade de incomodar tanta gente, isso pouco importa, e porventura encontrareis leitores tão bons e tão ingênuos que acreditem na verdade do vosso catálogo...; e quando não sirva isto para outra coisa, servirá por certo de dar ao vosso livro uma grande autoridade".

A citação já vai longa, mas, tratando-se do mal das citações, vamos ver que Cervantes procura encerrá-lo (como a todos os seus assuntos), com a nota satírica: "Esqueceu-se Vergílio de dizer quem foi a primeira pessoa que teve catarro no mundo; declaro-o eu (é um primo do licenciado quem fala) ao pé da letra, e fundamento-o com mais de vinte e cinco autores; veja Vossa Mercê se trabalhei ou não trabalhei para ser útil a toda a gente". Nisto Sancho aparece, procurando saber de tão erudito moço quem foi o primeiro homem que coçou a cabeça, e o primeiro voltador. O estudioso prometeu consultar os seus livros, que estavam distantes. Sancho o detem; não é necessário o trabalho. Devem ter sido Adão e Lucifer. E Dom Quixote entra na conversa, num de seus momentos de lucidez: "Mais disseste do que sabes, que há pessoas que se cansam em averiguar cousas, que depois de averiguadas, nada valem, nem para o entedimento nem para a memória".

Outra constante de Cervantes era o senso da medida. Tudo que é su-

perabundante, para ele se torna má. Até mesmo a poesia, doença que considerava incurável, mas de que ele também sofria. Tanto que o cura, símbolo da ostúcia, referindo-se ao livro "Tesouro de varias poesias", acrescenta a nota: "se não fossem tantas, mas estimadas seriam".

Espírito aberto à crítica, Cervantes emendou a mão, no segundo volume do Quixote, evitando defeitos que foram apontados no primeiro. Entre estas, embora não muito convencido da censura, corrigiu a prática de intercalar contos, inteiramente estranhos à narrativa, como a finíssima história do "Curioso Impertinente" e a dramática narrativa do "Canvó".

Ele só não transigia com a forma, essa discutida forma que já tem passado por várias experiências, desde a adoração helênica ao desprezo futurista, mas que marcha em busca de sua verdadeira posição, porque afinal, sem ela, era como se as coisas não existissem.

No ato da queima de livros, praticada pelo cura, o barbeiro e a sobrinha de Dom Quixote, um deles é destruído pela dureza do seu estilo, enquanto outro consegue salvar-se apenas pela beleza da forma. Mais uma vez transparece aí a verva de Cervantes, voltada contra si próprio, quando aprecia um livro seu. Ouçamo-lo ainda: "A Galatêa de Miguel Cervantes — diz o barbeiro. — Muitos anos há que esse Miguel Cervantes é meu amigo — responde o cura — e sei que é mais versado em desdita que em versos. O seu livro alguma coisa tem de boa invenção; alguma coisa promete, mas nada conclui: é necessário esperar pela segunda parte que já nos anunciou. Talvez com a emenda em cheio a misericórdia que se lhe nega; daqui até lá, tende-

me fechado em casa, senhor compadre".

Quanto mais mergulhamos no mundo cervantino, mas extasiados ficamos de tudo quanto lhe falou a sensibilidade. Todas essas coisas, que aí estão à beira do caminho, e que nós, pobres cegos, não conseguimos ver, ele bem as viu, muitas vezes pelos olhos dos dois mentecaptos que soltou no mundo, a divertir, com seus desatinos, a loucura dos outros homens.

Livro de variadas faces, não é exagero afirmar que nele todo homem encontra sua mensagem. Bilac viu no Quixote uma fonte de exaltação patriótica; outros enxergam nele a inten-

ção de destruir livros de cavalaria. Há quem interprete a obra de Cervantes como precursora da sociologia marxista. Nenhum tem razão a não ser em parte. Toda idéia é precursora de outra idéia. Cada afirmação do homem contém um potencial de sugestões que ele próprio ignora. São sementes que às vezes vão logo germinando; em alguns casos, esperam os séculos; e até acontece morrerem sem vir à flor da terra.

No caso de Cervantes, a cada passo rebentam de suas palavras novas idéias, numa riqueza de revelações e numa variação de formas que até parecem uma reparação da morte.

ANTOLOGIA DE POETAS PARAIBANOS

(CONCLUSÃO DA ÚLTIMA PÁGINA)

Mas neste mundo atormentado e odiento,
Tu mesma inda aumentastes meu tormento,
O' Divina Miséria dos mortaes!

ADAMICOS

Bem sei — chegando a morte — meus senhores,
O que de mim direis, á despedida:
— "Era um poeta de Musa comovida,
Forma comum, dotes inferiores.

Não teve os altos dons reveladores
Da divina Beleza, inda escondida.
Faltou-lhe o gênio que sublima a Vida,
E diviniza os divinizadores..."

Seja. Também não tive tal vaidade,
Pó — somos todos diante a eternidade.
— Menos que pó, menos que poeira: — nada.

Mas, inda assim, no mundo da matéria,
Dei ao pó da minh'alma a forma etérea
Da dôr humana espiritualizada.

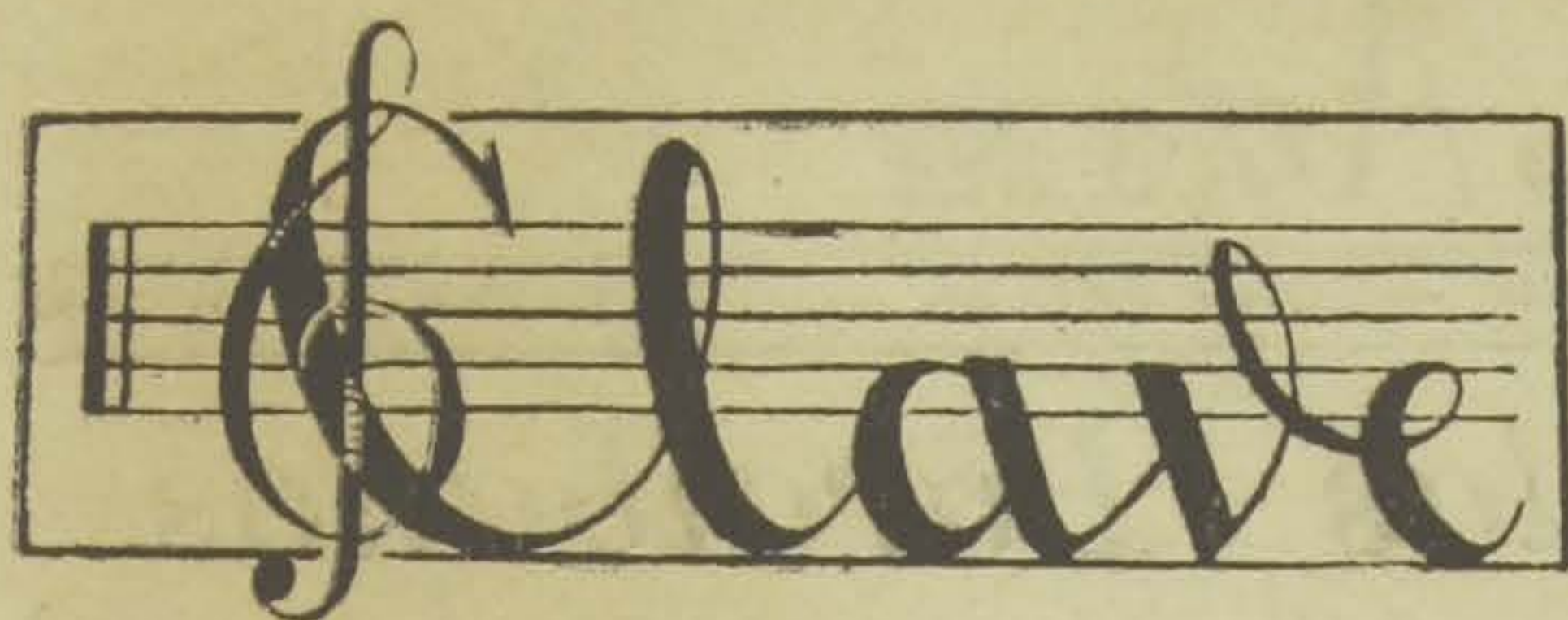
PARABOLA

Esqueceu-me jamais essa Roseira.
Deu rosas brancas a existência inteira
E viveu, para nós, as alegrias
Das nossas noites e dos nossos dias.

Essa Roseira teve sempre rosas
Para as festas gentis ou religiosas
E nunca se esqueceu dos namorados
Ou de dar flôres para os seus noivados.

Eu quero crêr também que nunca houvesse
Enterramento humilde a que não desse
Essa Roseira, a régia compostura,
De suas rosas de imortal brancura.

Posso, entanto, afirmar que essa Roseira,
Porque deu flôres a existência inteira,
Possou despercebida aos homens brutos
Como aos ladrões as árvores sem frutos...



O QUE É MAIS BRASIL

JOÃO DA VEIGA CABRAL

"E A MÚSICA — escreveu José Lins do Rego — a nossa verdadeira originalidade, o lado mais espontâneo da nossa sensibilidade. O que é mesmo mais brasileiro, mais caracteristicamente brasileiro é a nossa música".

E Zé Lins sustenta a sua palavra com este paralelo conclusivo: "A grandeza brasileira está mais em Villa-Lobos do que em Machado de Assis. Villa-Lobos é uma criação do povo brasileiro, um gênio nativo que dá mais a medida dos nossos instintos do que o romancista que é uma flor de civilização, uma essência da vida, um milagre de equilíbrio."

Cita-o, com esta opinião, o eminente historiador da Música Brasileira, Prof. Renato Almeida, em obra recentemente publicada sobre o assunto que é a perene devoção da sua vida. E assim o faz para apoiar o seu ponto de vista pessoal de que "nenhuma arte, no Brasil, se criou ou se cria com tantos fatores advindos do povo, como a música".

E por essa conclusão — penso — tem de ser todo mundo que se puser a observar, realisticamente, o panorama histórico-artístico da nossa Pátria. Em qualquer ponto em que demorar a sua atenção lá encontrará a música como manifestação predominante — única em muitas vezes — da arte de uma coletividade.

A Música é a única arte que pode ser praticada de

todos para todos. É a mais espontânea, a mais natural. Intuitiva, instintiva de todas as artes. Ela prescinde do ABC, dispensa quaisquer conhecimentos técnicos, não precisa de civilização e nem quasi mesmo de inteligência para manifestar-se no homem. Podemos crer que, antes mesmo que um daqueles tremendos barbaças da idade paleolítica descobrisse como lascar uma pedra para fazer um machado, já devia saber grugulejar a sua canção, não muito delicada talvez, porém não menos canção do que as que se vocalizam, hoje em dia, ao pé do piano. E, guardadas as devidas proporções e necessárias relações, não encontro heresia em afirmar que tão músicos são um Villa-Lobos ou um Stravinsky, no seu vasto campo iluminado pela civilização e pela cultura, quanto um chefe guerreiro que, lá nas brenhas do seu Brasil selvagem, invente o canto bravo que deverá preceder a próxima caçada da tribo.

Não deu a Natureza, a cada ser humano, as mãos para a percussão do ritmo? E uma garganta, para a vibração do som? E um desejo grande, insaciável de beleza?

Nos países de cultura milenar, outras artes, tanto quanto a Música, poderão encontrar no lastro artístico popular, numa prática, numa criação fortemente impregnada da psicologia coletiva, o material e a essência com que possam expressar, nitidamente, a rea-

lística de uma nação. No Brasil, particularmente, tão cedo não.

Muito curto é o espaço de ligeiro comentário como este para se explanar, mesmo de leve, o assunto. Para uma simples compreensão atentemos, porém, no se-

lidade espiritual e característica: A pintura e a escultura, por exemplo, são artes por sua mesma natureza, individuais. E os povos formadores da nossa nacionalidade nunca mostraram grande vocação, queda notável para elas. Mesmo intuitivamente, a sua manifestação seria — como é natural — constituída de méras atividades pessoais e isoladas pelas vastidões destas brasís. Não é em criação artística assim tão reduzida e confinada que um povo põe a sua alma.

Para as gentes que fundaram o Brasil — aventureiros europeus, selvícolas nativos e a negraria das costas d'Africa — o canto e a dança eram o desabafo afetivo, a alegria e, mesmo, a devoção de cada dia. As canções dessas raças vieram se fundindo, tempos em fóra, numa só. E nesta, também foi se integrando, pouco a pouco, tudo que ha de mais íntimo, de mais próprio de mais psicologicamente representativo da nova raça que se forma.

Dai, o vasto, o prodigiosamente rico canção popular do Brasil, com cuja argumassa formam os Villa-Lobos os Camargo Guarnieri, os José Siqueira os monumentos sonoros com que projetam no plano universal a canção do seu povo.

José Lins do Rego tem razão: o que há de mais brasileiro, nas artes, é a música brasileira.

O PODER DA SIMPLICIDADE — Durante a sessão solene de encerramento

do 1.º CONGRESSO DE MÚSICA DO NORDESTE, teve lugar uma cerimônia que se pode classificar de original, talvez inédita, nos fastos de todos os congressos já realizados no País. Em dado momento, atendendo à chamada nominal do Presidente, foram os congressistas se erguendo, um a um, e enunciando, em menor número de palavras que lhes era possível utilizar, o que pensavam sobre o conclave de que haviam participado. Todos disseram a sua opinião, na forma mais sintética que acharam no momento. Cada sentença proferida era entusiasmaticamente ratificada pelas palmas dos demais conferencistas e do público em geral. Bateu, porém, o "record" de concisão o representante do município de Alagoa Grande, com uma frase única quando disse, no tom forte que a certeza dá: "O 1.º CONGRESSO DE MÚSICA DO NORDESTE é uma glória para a Paraíba". E, assim dizendo, aquele congressista matuto, aquele inteligente artista do pé da serra de Areia alcançara, sem o saber, também o "record" de precisão e de veemência. Tudo que os seus pares — músicos, jornalistas, escritores — haviam dito estava consubstanciado nas suas claras e singelas palavras. Delas também assim pensou o Senhor Governador do Estado quando ao encerrar em breve discurso a solenidade, expressou a sua crença de que os frutos advindos do conclave o fariam, de fato, uma glória para a nossa terra.



Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

PEREIRA DA SILVA

1877 — 1944

ANTONIO JOAQUIM PEREIRA DA SILVA, nasceu na cidade de Aratuna, na serra da Borborema, a 12 de novembro de 1877. De origem modesta, filho de pai carpinteiro, sr. Manuel Joaquim da Silva e de d. Maria Ercelina Pereira da Silva, aos 14 anos foi levado ao Rio onde começou a estudar, então, nas aulas noturnas do Liceu de Artes e Ofícios. Em 1895, iniciou os seus estudos secundários na antiga Escola Militar da Praia Vermelha, donde é excluído dois anos depois. Começou a sua vida intelectual na imprensa do Rio, trabalhando na "Cidade do Rio", "Gazeta de Notícias", "Epoca", "Pátria", "Jornal do Comércio", etc. Fez, nessas folhas, a crítica literária da maioria dos companheiros de geração. Participou do movimento simbolista, com Carlos Dias Fernandes na revista "Rosa Cruz". Criou e dirigiu o mensário "O Mundo Literário". Em 1933 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras na vaga do poeta Luiz Carlos.

Faleceu de um colapso cardíaco na Casa de Saúde da Gávea, em 11 de janeiro de 1944.

Publicou: "Vae Solis!" — Imprensa Paranaense — 1905; "Solitudes" — Editora Jacinto Ribeiro dos Santos — Rio — 1918; "Beatitudes" — Livraria Leite Ribeiro — Rio — 1919; "Holocausto" — Livraria Leite Ribeiro — Rio — 1921; "O Pó das Sandalias" — Livraria Leite Ribeiro — Rio — 1922; "Senhora da Melancolia" — Lahure — Paris — 1928; "Alta Noite" — Editora S/A A Noite — Rio — 1940.

Inéditos: "Intranquilidade", "Meus Irmãos, os Poetas" e "Os Milagres de Cristo e os Homens de Deus"

BEATITUDES

Bem vos compreendo a vós, que a vida inteira
Buscais vamente essa Desconhecida,
Que dentro em vós seria uma roseira
Dando rosas de amor por toda a vida.

Bem vos compreendo a vós, almas veladas,
Que o mel do puro amor sofreis demais
E presentis que as Vossas Bem-Amadas
São bem diversas do que imaginais...

Bem vos compreendo a vós, almas eleitas,
Que o demônio da análise tortura,
Obrigando a ver formas imperteitas
Mesmo nos gestos da melhor criatura.

Bem que compreendo, poetas interiores,
Por que vos arrasteis por toda a parte,
Nunca encontrando, em vida, entre os amores
Esse outro amor do vosso sonho de Arte.

Bem vos compreendo, seres sensitivos,
Que interrompeis vosso caminho diante
Dos trechos, doces como lenitivos,
De um harmonium de cego mendicante.

Bem vos compreendo a vós, golés das doenças
Que a morte arguta segue por em par

— Coração como pêndulas suspensas
Que mão sinistra ameaça de parir!

Bem que compreendo, espíritos de asceta,
A contrição do vosso olhar profundo,
Quando a sombra da Noite se projeta
Como a sombra da Morte sobre o mundo.

Mãos orfãs, viúvas, virgens e mãos puras,
Bem vos compreendo, mãos instrumentais,
As angústias das trêmulas ternuras
Dos instrumentos em que vós tocais.

Bem vos compreendo a vós, almas votadas
A's emoções e concepções extremas,
Que jamais conseguistes realizadas
Nos vossos dramas ou nos vossos poemas!

Bem vos compreendo, corações amigos,
Irmãos gêmeos nas mesmas desventuras,
Máguas iguais, idênticos perigos.
Desilusões presentes e futuras!

ENVELHECENDO...

Hoje, olhei-me no espelho. Que mudança
De desenho e feições a do meu rosto!
Que facies cavo, magro, descomposto
E diferente do que tinha em criança!

Como o tempo é minaz, a vida cança
E ficamos no mundo a contragosto
Sentindo o próprio corpo mal disposto
E perdendo em nós mesmos a confiança!

Como nos punge, no declínio morno
Do nosso Dia, vêr a vida em tórno
Arder nas mesmas chamas imortais!

Que contingência a de ficar-se velho,
Pressentindo que um dia, á luz do espelho,
O nosso olhar não nos conhece mais!!

A DIVINA MISÉRIA

Ah! bem me lembro, Musa. Era menino
E já te via, tímida e risosha,
A me apontar (menino já se sonha!)
A Escada de Jacob do meu destino...

O Amor, depois, (que força há que se oponha
A seu ditame trágico ou divino?)
Fez-me fazer, em pleno desatino,
Loucuras de um cadete de Gasconha...

E tu comigo sempre em toda a parte:
Na luta viva, nos instantes da Arte,
Nas angusturas dos meus dramas reais...

(CONCLUI NA PÁGINA 14)